

LITERATURA NACIONAL, LITERATURA TRADUZIDA E MEMÓRIA: AS ESCRITORAS FRANCESAS DO SÉCULO XVIII ESQUECIDAS PELA HISTÓRIA LITERÁRIA CANÔNICA

Marie-Hélène Torres¹

RESUMO

Pretendo abordar, no presente artigo, a questão complexa do processo de canonização estético-literário, a partir do conceito tradicional de história literária, com o intuito, ao longo da minha reflexão, de elaborar um conceito inovador sobre a história literária em vigor, um conceito que fugiria, talvez, da rigidez do cânone literário existente. A tarefa que me imponho requer uma mudança de ótica e de visão do mapa-múndi das literaturas, tomando o termo de José Lambert, em busca de autonomia intelectual, de liberdade de escolha, de leitura e de pensamento crítico. A problemática inicial consiste principalmente em saber quais elementos contribuem à canonização, à decanonização ou à recontextualização das obras literárias, especificamente das escritoras francesas do século das Luzes, da Revolução Francesa. Portanto, minha contribuição diz respeito à fortuna crítica de textos de escritoras francesas clássicos do século XVIII no Brasil invisibilizadas pelo legado literário-cultural do sistema francês. Trata-se, não somente de redimensionar o cânone das obras literárias francesas do século XVIII na França e no Brasil, mas também de analisar a tradução literária e seu processo.

Palavras-chave: Tradução literária. Literatura francesa do século XVIII traduzida. Antologia traduzida. Cânone.

¹ Professora da UFSC. Atua nos programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET (UFSC) e POET (UFC). Bolsista de produtividade do CNPq.

ABSTRACT

In this article, I intend to address the complex question of the process of aesthetic-literary canonization, based on the traditional concept of literary history, with the purpose, throughout my reflection, of elaborating a new concept on the literary history in force, a concept that would escape, perhaps, from the rigidity of the existing literary canon. The task here requires a change of view and vision of the world map of literatures, making use of José Lambert's term, in search of intellectual autonomy, freedom of choice, reading and critical thinking. The initial problem consists mainly in knowing which elements contribute to the canonization, the decanonization or the re-contextualization of the literary works, specifically of the female French writers of the century of the Lights, of the French Revolution. My contribution, therefore, concerns the critical fortune of texts of classic female French writers of the eighteenth century in Brazil made invisible by the literary-cultural legacy of the French system. It is not only a question of reshaping the canon of French literary works of the eighteenth century in France and Brazil, but also of analysing the literary translation and its process.

Keywords: *Literary translation. Translated 18th-century French literature. Translated anthology. Canon.*

A problemática inicial desse artigo consiste principalmente em saber quais elementos contribuem à canonização, à decanonização ou à recontextualização das obras literárias, especificamente das escritoras francesas do século XVIII. Tento questionar ao longo da minha reflexão o cânone estético com o intuito de elaborar um conceito inovador sobre a história literária, um conceito que fugiria da rigidez do cânone literário tradicional em busca de autonomia intelectual, liberdade de escolha, leitura e pensamento críticos.

Neste sentido, o cânone literário parece possibilitar certa validade ou autoridade para a existência e sobrevivência de uma obra. Quando uma obra está inserida no cânone de determinado sistema literário, ela ganha o estatuto de inclusão oficial num grupo de obras literárias que são amplamente lidas, estudadas, respeitadas, compradas. E aqueles que decidem se uma obra será canonizada ou não são influentes críticos literários, jornalistas especializados, estudiosos, professores, editores, tradutores e qualquer pessoa cujas opiniões e julgamentos a respeito de uma obra literária também são amplamente respeitados por uma cultura determinada. A canonização de uma obra é, portanto, bastante subjetiva, pois depende da opinião de alguns especialistas que detêm a confiança do público, num tempo e espaço determinado, podendo evoluir nesses ou noutros tempo e espaço. Pascale Casanova fala até da possibilidade de mudar o ponto de vista sobre uma obra, o que supõe, segundo ela (CASANOVA, 2002, p. 17), a modificação do ponto a partir do qual se observa. Ela repensa, de fato, o conceito de cânone literário inserindo elementos como o centro e a margem.

O cânone da literatura francesa na França aparenta ser diferente do cânone perpetuado pela própria história literária francesa. Não estou me referindo aqui à história literária canonizada e 'oficial', ou seja, aquela que o próprio sistema literário e cultural francês exporta. Estou falando de obras da historiografia literária que caíram, por razões a determinar, no esquecimento. É o caso das escritoras do século XVIII que não fazem parte do cânone literário francês tradicional. Alguns

eruditos, como Mornet (1910), Sainte-Beuve (1886), ou algumas histórias das mulheres, as citam, como veremos, mostrando que incorporar o cânone depende de todo um contexto social, econômico, político, intelectual, comercial.

Como as escritoras francesas do século XVIII se tornaram invisíveis nas histórias da literatura francesa? Como isso foi possível, se duas delas eram as mais lidas do século XVIII? É uma discussão que pretendo desenvolver ao longo desse artigo, pois merece uma atenção minuciosa para se poder estudar o cânone da literatura das escritoras do século XVIII na França e suas traduções em outra língua-cultura. Posso avançar, desde já, que estamos frente a dois cânones diferentes que têm, no entanto, elementos comuns. Considero o cânone da literatura francesa na França como resultado da crítica interna que se confirma, ou infirma, graças à crítica estrangeira, e o cânone da literatura francesa no Brasil, como crítica externa, que se confirma por si só, criando um novo, um outro cânone. Se produz, por assim dizer, certa manipulação, segundo os termos de Hermans (2014), uma manipulação não somente em nível do próprio texto a traduzir, cuja existência depende de critérios subjetivos, mas também em nível da promoção e divulgação das obras já traduzidas. Por esta razão, minhas pesquisas buscam obras literárias que não fazem parte da história literária oficial, mas sim de uma história literária “paralela”, pois há questões de avaliação estética que devem ser discutidas quando se fala de cânone literário.

Ademais, é através da tradução que a crítica estuda a evolução das literaturas nacionais modernas como troca de valores culturais e como mediação com o estrangeiro, o que permite revelar o espírito nacional e a disseminação e a circulação das ideias. De fato, considero a tradução como crítica produtiva, segundo a expressão do Berman (1995), porque revela toda a significância da obra. Já que os clássicos franceses são pouco traduzidos no Brasil e, quando o são, os mesmos textos são reeditados ou retraduzidos, tenho o projeto de publicar antologias de escritoras francesas do século XVIII e dos seus textos em tradução inédita para o português do Brasil. Uma delas já está on-line no site Mnemosine,² volto a falar sobre isso em seguida.

Apesar do peso manifesto da tradução na constituição e renovação do sistema literário nacional, a historiografia literária brasileira parece desconhecer em grande parte o fenômeno da tradução. Alfredo Bosi, um dos autores mais representativos da historiografia literária brasileira, reserva apenas duas páginas à tradução em um livro que conta com quase seiscentas páginas. Nessas páginas, Bosi limita-se a listar algumas das traduções poéticas importantes realizadas nas últimas décadas do século XX, mas reconhece explicitamente a poesia traduzida como fazendo parte da literatura nacional “a um tópico sobre a poesia brasileira não pode faltar a referência a algumas versões de grandes poetas estrangeiros que começaram a falar em português à nossa sensibilidade” (BOSI, 1985, p. 543). O processo de autonomização do sistema cultural brasileiro se dá através de autores multilíngues e autores que leem traduções. Se no final do século XIX e primeira metade do século XX, a inovação da literatura brasileira parece resultar do aproveitamento crítico de temas e técnicas tomados diretamente dos textos originais dos autores estrangeiros (casos de Machado de Assis, Guimarães Rosa, por exemplo); na segunda metade do século XX, parece haver um recurso cada vez mais acentuado às traduções (dos irmãos Campos por exemplo).

Na prática, o francês servia não só para o acesso à literatura escrita em francês, mas ao acesso à grande literatura mundial originalmente escrita em outras línguas, mas disponível em traduções francesas (por exemplo, as literaturas clássicas, russa, escandinava, oriental). Não podemos esquecer que, nos primeiros anos do século XIX, o Brasil viveu um momento de idolatria da cidade de Paris, considerada capital da modernidade e que essa reverência à cultura francesa

² Disponível em: <<https://mnemosineantologias.com/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

chamou a atenção de alguns editores franceses, como a Editora Garraux em São Paulo e os irmãos Garnier no Rio de Janeiro. Segundo Laurence Hallewell (2012, p. 105), “as restrições do governo tornavam o contrabando o único meio pelo qual se podia conseguir a entrada de livros no país”. É dessa forma que os livreiros, inclusive o Garnier, inundaram o mercado carioca e brasileiro de livros publicados na França, em línguas portuguesa e francesa. Isso explicaria, pelo menos em parte, as poucas traduções de obras francesas no Brasil durante os séculos XVIII e XIX.

Há, portanto, pouco conhecimento e divulgação da rica produção literária de escritoras francesas do século XVIII no Brasil, mas também e principalmente na França. Mesmo as mais conhecidas, como Mme de Riccoboni, Mme de Graffigny, Mme de Charrière, Mme de Genlis e depois, na transição do século, Mme Leprince de Beaumont, Mme d’Epinay (que ganhou o prêmio da Academia Francesa na época) deixaram inúmeras obras ainda não (re)lidas, nem reeditadas ou estudadas na França. Como nenhuma foi traduzida para o português, pretendo reconstruir e construir o cânone dessas escritoras francesas por meio da antologização.

O banco de dados mais respeitado na área da tradução, no plano internacional, é o *Index Translationum* da UNESCO, única bibliografia internacional de traduções. Ao examinar o *Index Translationum*, constatamos que qualquer generalização seria apressada e que o desenho do mapa mundial das literaturas parece ser mais descontínuo e assimétrico do que acredita Casanova. No Brasil, 73% das traduções são provenientes do inglês, 10% do francês, 7% do alemão, 5% do espanhol, 3% do italiano e 2% repartidas em dezenas de outras línguas (TORRES, 2011). A literatura de língua inglesa é sete vezes mais traduzida que a literatura francesa no Brasil, o que é considerável. O corpus de obras de literatura de língua francesa divulgado pelo *Index Translationum* de 1979 até hoje apresenta somente uma parte das traduções que foram publicadas no Brasil. Porém, mesmo incompleto, tem o mérito de revelar o tipo de literatura que se traduziu nas quatro últimas décadas, apresentando uma imagem surpreendente da literatura de língua francesa e criando, de certa forma, um cânone nacional. A literatura de massa, isto é, romances policiais, histórias em quadrinhos e literatura infantil e infanto-juvenil, é a imagem que o Brasil tem da literatura francesa e de língua francesa das três últimas décadas do século XX (TORRES, 2005).

Com efeito, as traduções dos clássicos têm pouca representatividade, tanto que a literatura do século XVIII é a grande esquecida das traduções de língua francesa no Brasil, e, provavelmente, nos outros sistemas literários. Daí o surgimento de perguntas sobre as escritoras francesas do século XVIII, enquanto sujeitos da escrita, tais como: quais textos de escritoras contribuíram para moldar o espírito das Luzes? Ou ainda: que ascendências literárias tiveram?

Sem a pretensão de exaustividade, um breve panorama sobre histórias literárias publicadas na França incluindo as escritoras francesas pode auxiliar o entendimento da canonicidade na literatura. O Abade de La Porte escreveu *Histoire littéraire des femmes françaises, ou Lettres historiques et critiques contenant un précis de la vie et une analyse raisonnée des ouvrages des femmes qui se sont distinguées dans la littérature française*. Trata-se de uma antologia de textos integrais das escritoras ou de cartas escolhidas de romances epistolares como os de Mme de Rocoboni, Mme Robert, Mme de Puisieux, Mle de Saint Phalier, Mme Belot, Mme Julien, Mme Lepaute, Mle de Louverni, e tantas outras escritoras desconhecidas no século XXI, tanto na França quanto fora dela.

Dez anos depois, Pierre-Joseph Boudier de Villemert publicou, em 1779, *Notice Alfabétique des Femmes célèbres en France [Le Nouvel Ami des femmes ou La Philosophie du sexe. Ouvrage nécessaire à toutes les jeunes personnes qui veulent plaire par des qualités solides : Avec une Notice Alfabétique des Femmes célèbres en France]*. Um título no mínimo instigante para um dicionário que comporta uma lista de 270 mulheres apresentadas de forma embrionária (de uma a cinco linhas cada). Na introdução do dicionário, a historiadora Nicole Pellegrin explicita que o

autor se posiciona como pedagogo, moralista e historiador ao propor às jovens mulheres modelos a seguir e sublinha a ambivalência desse manual, caracterizando uma misoginia latente e um desejo sincero de promoção das mulheres pela educação. A maioria aqui citadas são figuras históricas como Marie de Medicis, Blanche de Castille, mãe do Rei Saint Louis, ou ainda a rainha Elisabeth da Áustria, esposa do rei Charles IX. Estamos, portanto, longe de modelos femininos intelectuais. Nada extraordinário se pensarmos que será somente no século XVIII que brotará a ideia de se constituir uma História Literária na França.

Cerca de três décadas depois, Madame de Genlis publica, em 1811, *De l'influence des femmes sur la littérature française, comme protectrices des lettres et comme auteurs* ou, *Précis de l'histoire des femmes françaises les plus célèbres*. Mme de Genlis afirma nas suas *Réflexions préliminaires sur les femmes* que as mulheres escrevem geralmente pouco por ter pouco estudo, o que não deveria as inferiorizar. Ela escreve sobre as grandes escritoras do século XVIII, as Senhoras de Geoffrin, de Lambert, Du Deffant, du Bocage, D'Aulnoy, Mlle de La Force. Ela dedica um capítulo a Mme de Lafayette e à *Princesse de Clèves*, a Mme Cottin ou a Mme Dacier, importante tradutora de Aristófanes, Safo e Homero, que influenciou a literatura francesa conforme o menciona Mme de Genlis.

No final do século, Sainte-Beuve publica *Portrait de Femmes*, retratos do caráter de escritoras dos séculos XVII e XVIII a partir de documentos autênticos, como os de Mme de Sévigné, Mme de La Fayette, Mme de Staël, Mme Guizot ou ainda Mme Roland. Por sua vez, Henri Carton, em 1886, publica *Histoire des femmes écrivains de la France* em oito capítulos dos quais destaco a Idade Média, o Renascimento, os séculos XVII e XVIII e mais um apêndice de 13 escritoras, comprovando a influência das mulheres nas Letras.

O fenômeno das vanguardas se apresenta, na minha opinião, como um vasto território multifacetado e que não condiz com um mapeamento clássico. Se o cânone literário visa identificar na história literária as “grandes” obras, as “grandes” figuras e lugares “emblemáticos”, a poética da modernidade tende a questionar os símbolos adquiridos da “grandeza” por sua “superstição do novo” e sua “paixão de negação”, como diz Antoine Compagnon em *Cinq paradoxes de la modernité*. Assim, o que é comumente considerado como pequeno e marginal está sendo recolocado no centro das atenções. Portanto, é fundamental que o crítico mude a atitude que consiste em dizer que os nomes que a história lembrou eram prometidos à posteridade.

Por todas essas razões, estou interessada nas escritoras que não fazem parte da história oficial literária que as ocultou. Ao descrever e analisar a história da literatura francesa, geralmente pouco é escrito sobre a obra das escritoras, o que comprova que há questões de avaliação estética que devem ser discutidas quando se fala de cânone literário.

Daniel Mornet, crítico literário francês especialista em século XVIII, no seu texto sobre os ensinamentos das bibliotecas particulares, em *Les Enseignements des bibliothèques privées (1750-1780)*, publicado na revista *Histoire Littéraire de la France*, descobriu que um romance-memória como *Les Malheurs de l'amour* de Claudine de Tencin – mãe de d'Alembert – (1747) fez parte, até 1760, junto com *Lettres d'une Péruvienne* (romance epistolar de Françoise de Graffigny de 1747) ou ainda as *Confessions du comte de **** de Duclos (outro romance-memória publicado em 1742), dos nove romances mais lidos na França (1910: 461). Mornet (1910: 459) analisou a frequência de aparição dos títulos de livro publicado entre 1750 e 1780 nos catálogos de 500 bibliotecas francesas. Chegou a estabelecer uma lista das obras mais frequentes bem como o número de exemplares que as bibliotecas possuíam. Ele mostra, por exemplo, que *O Ensaio (l'Essai)* de Locke era duas vezes mais lido do que o livro *Eléments de la philosophie de Newton* de Voltaire. A obra de Madame de Graffigny *Lettres d'une Péruvienne* constava em 108 bibliotecas. Mornet ainda

comprova que *Histoire de Madame de Luz* (1741) de Charles Pinot-Duclos era 40 vezes mais lido do que o *Contrat Social* de Rousseau. Mme de Riccoboni (1910: 475). Mas, mesmo assim, as escritoras do século XVIII não fazem parte do cânone literário francês tradicional. E hoje, conhecemos Rousseau, mas Pinot-Duclos é um grande desconhecido das histórias literárias.

Esses catálogos são fontes preciosas para medir o papel da literatura estrangeira traduzida no sistema literário nacional bem como o funcionamento da própria literatura nacional. Rousseau, com exceção de *La Nouvelle Héloïse*, quase não era lido! Portanto, percebe-se que o cânone no século XVIII é bem diferente do cânone consagrado pela história literária do século XVIII, isto é, livros como *Les veillées de Thésalíe* de Mlle de Lussan ou *Les malheurs de l'amour* de Mme de Tencin eram mais lidos que *La Nouvelle Héloïse* de Rousseau.

A ideia, portanto, foi a de levar adiante o projeto da antologia crítica de literatura traduzida online e do cânone das escritoras francesas do século das Luzes. Esta pesquisa, pela qual ganhei inicialmente verba do CNPq através de um projeto do Edital Universal, cujo título é *Antologia crítica de literatura traduzida (eletrônica): Cânone das escritoras francesas do século das Luzes nos sistemas literários francês e brasileiro* tem como resultado, como diz o título, uma antologia online. A antologias de escritoras francesas do século XVIII traz escritoras como:

- Escritoras de contos de fada: Gabrielle de Villeneuve; Mme Leprince de Beaumont (que tem 70 obras publicadas).

- Tradutoras : Anne Dacier; Emilie du Chatelet; Adélaïde-Gillette Dufrenoy.

- Escritoras de correspondência: Marie du Deffand; Julie de Lespinasse; Marie-Jeanne de Riccoboni (Correspondência com Choderlos de Laclos).

- Escritoras: Germaine de Staël; Louise d'Épinay Marie-Jeanne Roland; Claudine-Alexandrine de Tencin; Françoise de Graffigny; Isabelle de Charriere (romances, contos, novelas, teatro (26 peças), correspondência).

- Escritoras da Revolução e textos engajados: Olympe de Gouges (12 peças de teatro, e Declaração dos direitos da mulher).

São 35 escritoras, por enquanto, na Antologia, cujos objetivos são, além de investigar o papel da história literária na constituição do cânone, principalmente em relação às escritoras francesas do século XVIII, oferecer um panorama da produção literária das obras das escritoras francesas do século XVIII. Acredito que seja uma forma de oferecer elementos para a constituição de uma história da tradução no Brasil contemporâneo como parte integrante da história da literatura brasileira.

Posso, finalmente, dizer que a presente pesquisa se insere no campo dos Estudos Literários da Tradução, especialmente na formação da história da tradução literária e, mais especificamente, no estudo da história literária das escritoras francesas do século XVIII e seu papel na (trans)formação do cânone literário. A grande referência teórica na área é André Lefevere e seu clássico *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* onde mostra como a reescrita, isto é, a tradução, a antologização, a historiografia, a crítica e a edição desempenham um papel fundamental na recepção e canonização das obras literárias.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BIBLIOTECA Nacional sobre a Editora Garnier e seus catálogos. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm>>. Acesso em: 6 out. 2017.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.

CARTON, Henri. *Histoire des femmes écrivains de la France*. Paris: Garnier, 1886. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54390403/f143.tableDesMatières>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CASANOVA, Pascale. *A República mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris: Seuil, 1990.

LA PORTE, Abbé de. *Histoire littéraire des femmes françoises, ou Lettres historiques et critiques contenant un précis de la vie et une analyse raisonnée des ouvrages des femmes qui se sont distinguées dans la littérature françoise*. Paris-Compiègne : Lacombe, 1769. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5403329d/f4.image>>. Acesso em: 13 out. 2017.

MME de Genlis. *De l'influence des femmes sur la littérature française, comme protectrices des lettres et comme auteurs* ou, *Précis de l'histoire des femmes françaises les plus célèbres*. Paris: Maradan, 1811. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k62622791/f28.item.r=effrayant>>. Acesso em: 13 out. 2017.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2012.

HERMANS, Théo. *The manipulation of literature*. NY: Routledge Revivals, 2014.

MNEMÓSINE, site de antologias de escritoras francesas dos séculos XVII e XVIII. Disponível em: <<https://mnemosineantologias.com/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

MORNET, Daniel. *La pensée française au XVIIIème*. Paris: Librairie Armand Colin, 1910. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/mornet_daniel/pensee_francaise_18e/pensee_francaise_18e.html>. Acesso em: 6 out. 2017.

SAINTE-BEUVE, Charles. *Causeries du Lundi*. Paris, 1857-1862, v. II.

_____. *Portrait de femmes*. Paris: Gallimard, 1999. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k201416h>>. Acesso em: 6 out. 2017.

TORRES, Marie-Hélène C. As traduções e seu funcionamento nas culturas. In: FALEIROS, Alvaro; ZAVAGLIA, Adriana; MOUZAT, Alian. (Org.). *A tradução de obras francesas no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. Porque traduzir obras de Juventude de Mme de Staël. *Diário Catarinense*, 25 ago. 2005.

VILLEMERT, Pierre-Joseph Boudier de. *Notice Alphabétique des Femmes célèbres en France*[*Le Nouvel Ami des femmes ou La Philosophie du sexe. Ouvrage nécessaire à toutes les jeunes personnes qui veulent plaire par des qualités solides : Avec une Notice Alphabétique des Femmes célèbres en France*], Amsterdam/Paris : Monory, 1779. Disponível em: <http://siefar.org/dictionnaire/fr/Cat%C3%A9gorie:Dictionnaire_Pierre-Joseph_Boudier_de_Villemert>. Acesso em: 13 out. 2017.